
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

ORID. Met: IV.

DOMINGO 25 DE ABRIL DE 1830.

DA LIBERDADE INDIVIDUAL.

(Continuação da pag. 15 N. 2.º)

E' a arbitrariedade incompativel com a existencia de um governo considerado em relação á sua instituição; por quanto as instituições politicas não são mais do que contractos; a natureza dos contractos exige limites prescriptos: e a arbitrariedade, estando precisamente em contradicção com aquillo, que constitue um contracto, vae solapadamente minando as bases da instituição politica.

Tambem é perigosa a arbitrariedade n'um governo considerado em relação á sua acção; pois que, se a arbitrariedade parece, de alguma maneira, reforçar o governo, precipitando-lhe a marcha, é certo tambem que nunca deixa de prejudicallo na regularidade e persistencia da sua acção.

Se acaso se dissesse a um povo: "As vossas leis

“ não prestão , não servem para vos governar , ” teria este povo o direito de responder : “ Se não são boas , as nossas leis , queremos outras ; ” e a estas palavras , entrando em duvida a authoridade legitima , teria a arbitrariedade de recorrer á força , como unico meio de prevalecer ; pois que seria muito confiar na credulidade , paciencia , e ignorancia dos ómens , o pensar que elles ficarião satisfeitos e socegados , ouvindo dizer : “ Para ter sempre segura a nossa protecção , vós consentistes em subscrevêr a tal ou tal obrigação. Ora , nós vos privamos d’essa protecção , mas queremos que permaneçais sujeitos á mesma obrigação ; haveis de soffrer , por uma parte , todos os encommodos do estado social , por outra parte , vivereis expostos a todos os perigos do estado absoluto da natureza .

A arbitrariedade em nada concorre para firmar a segurança de qualquer governo. Quando um governo procede contra seus inimigos em virtude da lei , sendo esta como é precisa e formal , como hão-de seus inimigos , estribados na mesma lei , ter para com elle o mesmo procedimento ? Mas quando um governo pratica arbitrariamente com seus inimigos , podem estes tambem arbitrariamente praticar com elle ; porque a arbitrariedade é indeterminada , não tem limites .

Sempre que um governo regular tiver a confiança de empregar a arbitrariedade , poderemos affoutamente dizer que elle sacrifica a sua existencia áquellas mesmas medidas , que toma para conservalla . Qual é o motivo que nos induz a exigir que a authoridade reprima todos aquelles , que pertenderem atacar a nossa propriedade , a nossa liberdade , ou as nossas vidas ? Não é por ventura

perdemos que nos seja garantido o gozo destes direitos? Mas, se a nossa fortuna está exposta a ser destruída, se ameaçada a nossa liberdade, se pôde a arbitrariedade tirar-nos as vidas; que vantagens, que bens diremos que nos concede a protecção da authoridade? Se queremos que ella castigue aquelles que conspirarem contra a constituição, do Estado, é porque receamos vêr uma organização legal instituída por um poder oppressivo. Mas, se a authoridade com effeito chega a exercer este poder oppressivo, que vantagens são as que d'elle lhe resultão? Uma vantagem de facto talvez, e essa mesma de quasi nem uma duração. As medidas arbitrarías não são tão frequentes n'um governo já consolidado, como nas facções, cujo poder ainda se não acha inteiramente estabelecido: mas, ainda assim, não podemos reputar isto como vantagem, em razão da arbitrariedade. E na verdade, uma vez só que se admittão medidas arbitrarías, parecem tão expeditas, tão commodas, que há muita difficuldade em depois empregar outras. A arbitrariedade, apresentada a principio como o ultimo e efficas recurso, em circumstancias por extremos criticas, chama a si a solução de todos os problêmas, e insensivelmente se vae tornando a pratica de cada dia.

Continuar-se-há.

O FAMILIAR DO SANTO OFFICIO.

Por ventura pode um romance ser mais verídico do que a historia? Pode sim: quando particularidades des-

conhecidas, e de verdade incontestavel, vierem esclarecer factos, que a historia não tiver apresentado senão em esboço. Um pseudonymo, que já conseguiu tornar-se celebre debaixo do nome marcial que adptou, Mr. de Mortonval, acaba de resolver este problêma: assentando a sua ficção, intitulada *Fr. Eugenio*, ou o *Acto de Fé* de 1680, sobre documentos inteiramente novos, e explicando com circumstancias até aqui ignoradas o atroz mysterio dos autos de fé de Hespanha, mereceo que a sua obra, em vez de ficar sujeita á critica superficial, que de ordinario julga do merito das composições romanescas, fixasse a attenção dos philosophos e historiadores, que todos á uma se-lhe confessão devedores de noticias interessantissimas.

Se um familiar do Santo-Officio, por nome José del Olmo, não tivesse em 1680 aparado a penna, para descrever em estilo mystico e pomposo o auto de fé, que acabava de devorar, aos olhos da Hespanha fanatica, e á face do Deos vingador, cento e vinte uma victimas, é de crêr que Mr. de Mortonval não intentasse a composição da sua importante obra. Em tal caso, fôra por certo bem grande a nossa perda; além de termos um bom livro de menos, a obra do tal familiar, na verdade ridicula como objecto de litteratura, e em tudo abominavel no sentido moral, não teria revelado á posteridade a quão subido grau de prepotencia, e a que tyrannia atrevida chegou a elevar-se o sacerdocio, sustentando em suas mãos o terrivel alfange da exterminação. Graças mil sejam dadas a Mr. de Mortonval, a quem devemos o conhecimento de José del Olmo; mil graças sejam dadas a esse algoz mystico e sincero, cujo extasis ignobil e disparatado soube reproduzir para eterna instrucção

dos ~~peões~~ e dos reis, todas as horrendas particularidades da carniceria *sagrada*, que elle condecora com o titulo de *glorioso triumpho de fé*.

Debaixo das vistas da santa inquisição, e por sua ordem, é que foi publicada a importante relação de José. Esta obra soffreo o exame de quatro censores, nomeados pelo Santo-Officio: a sua approvação acha-se impressa no fróntispicio do livro, e entre os outros nomes distingue-se o de João Cortez Osorio, professor de Theologia no collegio da companhia de Jesus. Enfin, depois de bem authenticados todos os percisos requisitos, concedeo o tribunal a devida licença, a 26 de Outubro do mesmo anno.

Com effeito, a authentica profissão de fé da propria inquisição é sem duvida um dos ducumentos mais curiosos da historia moderna; e esta descoberta faz muita honra a Mr. de Mortonval. A inquisição é quem falla pela boca do seu familiar; ella mesma consagra todas as particularidades das suas execuções, "afim," diz José, "de instruir a posteridade, descrevendo-lhe fielmente o "melhor methodo de celebrar um auto de fé, segundo os bons e antigos costumes." Que officiosa caridade! Que nobres e tão exemplares intenções! Apoiémollas com todas as nossas forças, e reunamos as citações, que se achão espalhadas na obra de Mr. de Mortonval, afim de formarmos um facho luminoso; o qual esclarecendo os futuros inquisidores, lhes poupará o trabalho de recordar com tanto custo os bons e antigos costumes.

A obra é curta e instructiva; o titulo, pela sua magestosa extensão, anuncia a importancia do tratado, a que serve de preambulo: "Relacion historica del auto

“general de fé que se celebró en Madrid / este año
 “de 1680, con asistencia del rey nuestro Senôr Carlos
 “II, y de las majestades de la reyna nuestra senôra, y
 “la augustissima reyna madre, siendo inquisidor general
 “el excelentissimo senôr D. Diego Sarmiento Valladarés.
 “Dedicada á la sacra catolica majestad del rey, nuestro
 “senor. Referense con curiosa puntualidad todas las cir-
 “cunstancias de *tan glorioso trionfo de la fé*, con el ca-
 “talogo de los senôres, que se hicieron familiares, y el
 “sumario de las sentencias de los réos. Va inserta la
 “estampa de toda la perspectiva del teatro, plaza y
 “balcones, por José del Olmo, alcaide y familiar del
 “Santo Officio, ayuda de la furriela de S. M.; y maes-
 “tro del Buen-Retiro y villa de Madrid. Vénese en
 “casa de Marcos de Ondatigui, familiar del Santo Ofi-
 “cio, á la prateria, &c.&c. ...”

Já se vê que até mesmo o livreiro era familiar do Santo Officio. Quanto á estampa, que representa o theatro d'aquelle magnifico *triumpho da fé*, é na verdade uma cousa curiosa. Mr. de Mortonval desejava muito publicalla, mas o habito ecclesiastico era n'ella o mais dominante: e por isso a supprimio, pois que não é possível fazer comprehender a certos ômens, que quanto mais infamados são os monstros, que manchão esta vestimenta sagrada, tanto maior é o brilho e a força, que com isso adquirem os principios de uma religião de caridade, e a missão eyangelica dos padres, que não acendem fogueiras, dos Las Casas, por exemplo, e dos Oberlins.

Voltemos, todavia, ao objecto real d'este artigo. Está todo o mundo ancioso por saber o que é que se deve fazer para se celebrar magistralmente um sacrificio hu-

mano, em nome de Jesus Christo. Segui a José; elle encaminhará vossos passos. Primeiro que tudo, para que um rei possa vêr com gratidão e prazer fumegar o incensa d'esses holocaustos, inculcar-lhe-heis os principios, que o bom José repete em todas as paginas do seu livro official: " que as luminosas fogueiras da santa inquisição
 " são os verdadeiros clarões da igreja catholica, que a
 " ellas deve todo o seu esplendor; que a actividade do
 " seu fogo purifica as verdades, e apaga os erros. *A la*
" claridade de la luz de la santa inquisicion se deve el
" lustre de la doutrina catolica, y á la actividad de su
" fuego el purificar las verdades, consumindo los errores.
 Isto é claro.

Para que elle sempre se conforme cegamente com tudo quanto quizerdes, não vos esqueçais de lhe fazer jurar, " que hade sempre ser obediente ao papa nosso
 „ Senhor, e a seus successores canonicamente eleitos,
 „ executando fielmente todas as determinações, que di-
 „ manarem da Santa Sé apostolica. *Que será sempre obe-*
„ diente al nuestro senor el papa, á sus successores que ca-
„ nónicamente sucedieren en la santa sede apostolica y á
„ sus determinaciones. Isto é evidente.

Taes são, em boa forma, os preliminares de um auto de fé. Irá depois o inquisidor geral apresentar-se ao rei; e em vez de humildemente lhe pedir licença para se queimarem os hereges, deverá simplesmente informallo que é essa a intenção do Santo Officio: " *Significar a le como*
„ se apresuraban las disposiciones para una obra tan de
sua agrado. „

Depois de S. M. responder com exemplar fervor e expressões affaveis, testemunhando assim o seu zêlo pe-

la causa de Deos, e da Igreja, *“con palabras llenas
 „ de constante fé, affectuosa piedade, y fervoroso zelo
 „ de la causa de Dios y de su Iglesia, „* logo se fazem
 varias disposições secundarias; as quaes consistem em
 apromptar chocolate, biscoutos, doces, e refrescos para
 os frades e familiares, que tanto trabalho e cansaço sof-
 frem n'aquelle dia. *“Atendiendo la fatiga e trabajo de
 „ los religiosos e ministros, que los assistian, habia la
 „ providencia del tribunal hecho gran prevencion de bisco-
 „ chos y chocolate, dulces y bebidas. „* Santa humanida-
 de! Delicadas precauções!

Promptos os refrescos, e assim que as gaiolas de ferro se achão penduradas diante do throno do inquisidor, que se acaba da collocar o balcão do rei defronte d'este throno sagrado, e um pouco mais abaixo, e pregar em cima da fogueira, magnificamente arranjada, uma cruz verde; em fim, estando justo o numero preciso de algózes, garrotes, biscutos, colleiras de ferro, e tudo isto muito affectuosamente, affectuosamente, dá-se principio á festa. Mas, aonde se encontrará um ómem com a presença de espirito necessaria para seguir um por um os passos de José del Olmo? Foi á vista de um concurso immenso de gente, que reunira o fanatico e barbaro desejo de assistir áquelles supplicios; foi na presença de uma joven rainha Franceza, a quem se offerencia sangue por preda de casamento, que se consummou o glorioso triumpho da fé. Festa de antropophagos, que principiou e acabou com a celebração da missa tão indignamente profanada; pois que por effeito de uma horrível combinação; cujo sacrilegio excede a tudo o que é capaz de emprehender a atrocidade humana; as lagrimas, as angustias, os gritos, os tormentos, e os membros de conto

e vinte e uma victimas todos quebrados, despedaçados, e queimados, preenchendo o intervallo, que separa o introito do resto do sacrificio, parecêrão fazer parte do offertorio; e a monstruosa impiedade, que, no acto mesmo de invocar a Deos, o calcava aos pés, confundio com as offrendas do pão e do vinho, aquellas torrentes de um sangue innocente.

Se os embaixadores não comparecessem, e não mostrassem, em vez de horror, um semblante risonho, accusados de heresia, ter-lhes-hia custado tamanha imprudencia a liberdade, e talvez que até mesmo a vida. Durou aquelle execrando espectaculo desde as oito horas da manhã até ás dez da noute. Só então é que o rei se levantou, depois de perguntar ao seu confessor, “se elle podia”, partir, e se tudo ja estava acabado!,, Ah!-Quanto folgaria a humanidade, se n’essa occasião se manifestasse de um modo terrivel a vontade divina! Porque não veio um raio, de repente assombrando aquella multidão antropophaga, testemunhar aos mortaes a cólera celeste, provocada por aquelles indignos frades, e por aquelles algozes tão cégos, e tão sedentos de sangue?

A França Christã.

SONHO DE MARCO AURELIO.

Eu quiz meditar na dôr; já estava avançada a noute; a necessidade do somno tinha cansado minhas palpebras; lutei algum tempo; fui, por fim, obrigado a ceder, e adormeci: mas, n’este intervallo pareceo-me ter um sonho. Figurou-se-me uma multidão de ómens reunidos n’um vasto portico; os semblantes de todos elles inculcavão magestade e grandeza. Se bem que nunca viera com elles, não me erão todavia estranhas as suas

feições ; lembrei-me de haver muitas vezes em Roma contemplado as suas estatuas. Estava eu entretido a examinallos a todos, e eis que em todo o portico retumbou uma voz forte e terrível : *Mortaes, aprendei a soffrer !* No mesmo instante vi incendiarem-se chammas junto a um d'elles, que valerosamente sobre ellas estendendo a mão. Trouxêrão veneno a outro ; elle o bebeo, e fez uma libação aos Deozes. O terceiro estava em pé, perto de uma estatua da Liberdade, já toda arruinada ; em uma mão tinha um livro ; com a outra sustentava uma espada, cuja ponta avidamente examinava. Mais adiante descobri um ómem todo ensanguentado, mas firme, e com mais presença de espirito do que seus proprios algozes ; corri para elle, exclamando : “ Oh ! Regedo ! E's tu ? ” Não pude supportar por mais tempo o espectaculo de seus tormentos, e desviei os olhos d'aquella scena de horror. Foi então que eu reconheci Fabricio na pobreza, Scipião morrendo no desterro, Epictêto estrevendo na prizão, Seneca, e Traséas vendo, com semblante sereno, correr o sangue de suas veias. No meio d'estes desgraçados, não pude conter as lagrimas ; o pranto, que inundava minhas faces, a todos causou admiração. Um d'elles, era Catão, chega-se a mim, e diz-me : “ Não nos lastimes, procura antes imitar-nos, sim aprende connosco a ser superior aos golpes, desgraça ! ” E logo o vejo voltar contra o peito o ferro, que brilhava em suas mãos ; quero retê-lo, estremeço, e acordo. Reflectindo depois n'este sonho, conheço que aquelles suppostos males não devião por fórma alguma abalar a minha coragem ; e concebi a firme resolução de ser ómem, soffrer, e de fazer a todos todo o bem possível.

Thomas. Elogio de Marco Aurelio.

MAXIMAS.

Póde-se impôr silencio á sensibilidade, mas nunca prescrever-lhe limites.

M.^{me} Necker.

Entre as virtudes da vida privada, a primeira de todas é a piedade filial.

M.^{me} Bourdic-Viot.

O nascimento dá menos honra do que a que quer exigir: quem se vangloria da sua geração, não faz mais do que louvar o merecimento alheio.

Madame de Lambert.

Um cura de *Saint-Germain-L'Auxerrois*, em Paris, distinguio-se muito em 1245. Havia já algum tempo que o papa Innocencio IV, fulminava sentenças de excomunhão contra o imperador Frederico II. O cura de L'Auxerrois subio ao pulpito, e fallou n'estes termos:

“ Ouvi-me, irmãos! Eu estou encarregado de pronunciar um anathêma terrivel contra o imperador Frederico, ao som dos sinos, e com tochas accesas. Ignoro as cauzas, que produzirão esta sentença: mas se que há grande discordia entre o papa e o imperador! Também sei que elles mutuamente se injurião: é quanto basta para eu formalmente excommungar o oppressor, e absolver aquelle, que actualmente está soffrendo uma perseguição tão perniciosa á Religião Christã.”

Logo se espalhou por toda a Europa a noticia de uma excommunhão tão original. O cura foi recompensado pelo imperador, e punido pelo papa.

Dulaure.

ANECDOTA.

Mr. de Silhouette estava para ser apresentado a Luiz XV, na qualidade de Syndico-Mór do Reino. Persuadido que o rei o interrogaria sobre objectos relativos ao seu ministerio, cuidou de véras em pôr-se em estado de poder responder a tudo. “Mr. de Silhouette,, lhe disse o rei “o vosso castello de Silhouette é magnifico. Quantas janellas tem elle de frente? *Não sei*;; responde o ministro, que de certo não contava com semelhante pergunta: e o rei immediatamente lhe voltou as costas. “Mr de Silhouette,, disse Mr. de Caracioli, embaixador de Napoles, que então se achava presente; “vós,, fizestes muito mal em responder *não sei*: quando se está conversando com os reis, é preciso sempre mostrar que se sabe tudo, ainda mesmo aquillo que de todo se não sabe. Vale mais responder ao acaso, do que confessar ignorancia. Olhai; o rei, sabendo que eu já estive em Veneza, inopinadamente me perguntou antes de ontem: Snr. embaixador, de quantos juizes se compõe o conselho dos dez? De *dexoito*, Senhor, lhe respondi eu logo sem hesitar; e S. M. ficou muito satisfeito com a minha reposta.,,